

A ÚLTIMA
GRANDE LIÇÃO



Este livro é dedicado
a meu irmão, Peter,
a pessoa mais corajosa
que conheço.

Mitch Albom

A ÚLTIMA
GRANDE LIÇÃO

O Sentido da Vida



SEXTANTE

Nota da Edição Brasileira

Em 1998, nascia no Rio de Janeiro a Editora Sextante. Batizada com o nome de um antigo instrumento usado para orientar os navegadores, a Sextante foi fundada com a missão de publicar livros que ajudassem seus leitores não só a alcançar o destino desejado, mas também a escolher o melhor caminho – o do crescimento pessoal, da paz interior e da espiritualidade.

Na busca por títulos que se encaixassem nesse perfil, a editora encontrou um livro lindo e inspirador, a história real de um velho professor à beira da morte cujo último desejo era transmitir à humanidade uma mensagem profunda sobre o sentido da vida.

Lançado em agosto de 1998, *A última grande lição*, de Mitch Albom, foi o primeiro livro a estampar em sua capa a marca Sextante e até hoje é um símbolo de tudo o que a editora deseja oferecer a seus leitores.

É um privilégio poder celebrar os 10 anos de fundação da Sextante com uma edição comemorativa dos 10 anos de publicação deste livro que, ao longo da sua trajetória, vendeu mais de 10 milhões de exemplares no mundo, sendo 250 mil no Brasil.

Aproveitamos esta edição especial para homenagear o sócio-fundador da empresa, Geraldo Jordão Pereira, falecido em 12 de fevereiro deste ano.

Filho do editor José Olympio Pereira Filho, Geraldo começou sua carreira na editora do pai, onde teve o prazer de conviver

com Guimarães Rosa, José Lins do Rego e outros grandes autores, e de publicar clássicos como *O menino do dedo verde* e *Minha vida*, autobiografia de Charles Chaplin.

Em 1976, Geraldo fundou sua própria editora, a Salamandra, dedicada a livros infantojuvenis, e, 22 anos depois, criou a Editora Sextante em parceria com dois de seus filhos.

Idealista e solidário, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais e tinha uma enorme vontade de ajudar os outros. Ele também nos deixa uma grande lição de sabedoria, bondade, empreendedorismo e alegria de viver.

OS EDITORES
Julho de 2008

Prefácio

Caro leitor,

Faz 10 anos que este livro foi publicado e, por ocasião desse aniversário, me foi pedido que lhe acrescentasse algumas reflexões. Não é tarefa simples. Este livro mudou a minha vida e, a julgar pelo que os leitores de todo o mundo têm me passado, a de outras pessoas também. Por onde devo começar?

Talvez por um episódio que deixei fora do original. Não era minha intenção, mas, por algum motivo, não o incluí. Pois aqui está, depois de todos esses anos.

Quando pela primeira vez eu liguei para meu antigo professor Morrie Schwartz – a essa altura, já nas garras da esclerose lateral amiotrófica (ELA) –, senti necessidade de me reapresentar. Afinal, haviam se passado 16 anos desde a última vez que nos faláramos. Talvez ele nem se lembrasse do meu nome. Na faculdade, eu costumava chamá-lo de “Treinador”. Sabe Deus por quê. Coisas do esporte, sabe como é, já naquela época. *Oi, Treinador. Como vai, Treinador?*

Seja como for, quando o ouvi dizer “Alô” naquele dia ao telefone eu engoli em seco e disse:

– Morrie, meu nome é Mitch Albom. Fui seu aluno na década de 1970. Não sei se você se lembra de mim.

E a primeira coisa que ele disse foi:

– E por que não me chamou logo de Treinador?

Minha jornada começou com essa frase. Ela esteve comigo

naquele telefonema, esteve comigo na minha primeira visita carregada de culpa a West Newton e em todas as terças-feiras que se seguiram, durante o lento declínio e agonia de Morrie e em sua morte silenciosa e digna. Ela esteve comigo em seu enterro, em meu luto particular, em meu porão enquanto escrevia as páginas que você está lendo, na pequena edição inicial deste livro e nas inesperadas 200 edições que se seguiram. Ela esteve ao meu lado por todo o país, em muitos outros países, ao ver este livro sendo adotado em escolas e lido em casamentos e funerais. Ela me acompanhou em milhares e milhares de cartas, e-mails, abraços emocionados e comentários de pessoas estranhas, que podem ser todos resumidos da mesma forma: sua história me comoveu.

Mas não era a minha história.

Era a história de Morrie, o convite de Morrie. A última aula de Morrie. Eu era seu convidado. *E por que não me chamou logo de Treinador?*

Eu esqueci. Ele lembrou.

Essa era a diferença entre nós.

Morrie me mudou desse jeito. Agora me lembro de tudo. E poderia não lembrar? Todos os dias da minha vida alguém me pergunta pelo meu antigo professor. Eu costumo brincar dizendo que este livro é a sua vingança por eu tê-lo ignorado durante tantos anos. Agora sou seu aluno eterno, aquele que retorna sempre, todo outono, primavera e verão, para a mesma aula.

Tudo bem. Eu sempre achei que Morrie tinha algo a ensinar. Achava isso há 30 anos, quando ele usava costeletas e blusa de gola rulê amarela e mexia freneticamente as mãos na frente da turma, e continuei achando anos depois, quando a terrível doença já o deixara frágil e inerte numa poltrona em sua casa, a voz sussurrada e o corpo tão fraco que eu precisava virar sua cabeça para ele poder me ver.

E ele, como sempre, sábio e carinhoso. Ele realmente cumpriu seu antigo desejo de ser professor até o fim.

Para prová-lo, quando comecei a pensar neste prefácio voltei aos registros das nossas conversas. Eu havia transcrito todas as fitas e as organizara por temas. Em minhas divagações ao som da voz de Morrie, eu me perguntava se toparia com alguma coisa que soasse diferente, algo a dizer que desse um novo sentido a tudo o que aconteceu.

E dei com este tema: vida após a morte.

Ora, Morrie fora agnóstico durante muitos anos, como ele próprio admitia. Mas depois de seu diagnóstico de ELA, começou a repensar. Mergulhou em ensinamentos religiosos.

Numa terça-feira de agosto de 1995, segundo meus registros, nós falamos sobre esse assunto. Morrie me disse que no passado havia acreditado que a morte era fria e definitiva.

– A gente vai para debaixo da terra e se acabou.

Mas depois ele passou a pensar diferente.

– Qual é a sua ideia agora? – perguntei.

– Ainda não me fixei em nenhuma... – ele disse, sincero como sempre. – Mas o universo é demasiado harmônico, grandioso e avassalador para se acreditar que é tudo obra do acaso.

Que coisa para ser dita por um ex-agnóstico! *O universo é demasiado harmônico, grandioso e avassalador para se acreditar que é tudo obra do acaso.* Isso, é bom lembrar, foi quando o corpo de Morrie já era uma casca oca, quando ele já precisava ser lavado e vestido, quando já precisava que lhe assoassem o nariz e lhe limpassem o traseiro. *Harmônico? Grandioso?* Se ele, naquela situação terrível, naquele depauperamento, conseguia enxergar a majestade do mundo, por que haveria de ser difícil para nós?

Muita gente me pergunta qual a característica de Morrie de que sinto mais falta. Eu sinto falta daquela crença na humanidade. Sinto falta daqueles olhos que conseguiam ver a vida de

modo tão positivo. E sinto falta da sua risada. Sério. No mesmo dia em que me falou de vida após a morte, Morrie confessou sua vontade de reencarnar, dizendo que se pudesse voltar como outra coisa gostaria de ser uma gazela. Ao reler as transcrições, notei que fiz uma graça depois do que ele disse:

- A boa notícia é que você estaria reencarnado – eu disse.
- A má notícia é que você estaria vivendo em algum deserto.

Ele disse:

- Correto.

E caiu na gargalhada.

Nós ríamos um bocadinho com essas coisas. Talvez seja difícil de acreditar, mas, mesmo com a morte esperando na esquina, nós ríamos. Ninguém gostava de rir mais do que Morrie. Ninguém ria durante tanto tempo com piadinhas infames. É verdade, havia dias em que ele se arrebatava de rir com qualquer bobagem que eu dissesse.

De modo que sinto falta disso. E de sua paciência. E de suas alusões acadêmicas. E de sua paixão por comida. E de como ele fechava os olhos para escutar música.

Mas aquilo de que eu mais sinto falta, por mais simples e egoísta que possa parecer, são os olhos de Morrie piscando quando eu entrava no quarto. É que quando uma pessoa fica feliz – genuinamente feliz – por vê-lo, você se derrete. É como chegar em casa. Naquelas terças em que eu entrava em seu escritório, o hibisco ao lado da janela, qualquer coisa que eu estivesse trazendo comigo – problemas pessoais, assuntos de trabalho, pensamentos opressivos – se dissipava quando as orelhas dele se erguiam e sua boca abria aquele sorriso engraçado de dentes tortos e soltava uma saudação. Outras pessoas me relataram que se sentiam da mesma forma quando estavam com Morrie. Quem sabe a sua devastadora doença, ao privá-lo de distrações e apagar a preocupação com as coisas do cotidiano, o

permitia estar “totalmente presente”? Ou quem sabe ele apenas valorizava mais o próprio tempo? Eu não sei.

O que sei é que aquelas terças que passamos juntos eram como o longo abraço de um homem que já não podia mover os braços. Sinto falta delas mais que tudo.

Nesses 10 anos desde que este livro foi publicado, inúmeras vezes me perguntaram se eu imaginava que ele seria lido por tanta gente. Minha resposta é, geralmente, um aceno de cabeça, um sorriso e um “Nem em um milhão de anos”. A verdade é que foi um bocado difícil conseguir quem o publicasse – várias editoras nem sequer manifestaram interesse; um editor chegou a me dizer que eu não fazia a menor ideia do que era um livro de memórias. Em outras circunstâncias, eu teria desistido da ideia.

A razão de eu não ter desistido – e a razão pela qual eu creio que o livro bateu no coração das pessoas – é que eu não estava tentando escrever um livro popular. Estava tentando ajudar Morrie a pagar as despesas do seu tratamento. Isso tornou a minha obstinação mais forte que qualquer poder de dissuasão. Continuei tentando, até achar uma editora. E quando disse a Morrie que tinha conseguido – e que as contas seriam pagas – ele chorou.

Costumo dizer que aquilo foi, para mim, o fim de *A última grande lição*, apesar de eu mal ter começado a escrevê-lo. Eu havia feito o que queria: um pequeno ato de bondade em retribuição aos incontáveis que ele me dedicara no passado. Mas a jornada, na verdade, mal havia começado.

Desde então, o livro foi publicado em dezenas de países onde eu nunca estive e traduzido para muitas línguas que não domino. Foi adaptado para um filme de TV e o grande Jack Lemmon me disse que Morrie era o seu papel favorito. Uma adaptação para o teatro foi encenada em todo o continente. O

livro foi acolhido em escolas, universidades, capelas mortuárias, hospitais, igrejas, sinagogas, grupos de leitura e instituições de caridade.

Não consigo exprimir com palavras a minha humilde satisfação com tudo isso e o orgulho que sinto ao ver a suave sabedoria de Morrie se assentando como flocos de neve nas ruas de todo o mundo. Diante disso, não posso senão concordar com a sua máxima: o universo é harmônico e grandioso demais para se acreditar que é tudo obra do acaso.

Espero, portanto, que este livro ajude a abrir os olhos das pessoas para a ELA até que a ciência descubra como curá-la. Espero que ele continue lembrando às pessoas quão precioso é o tempo que dedicamos ao outro. Espero, também, que ele celebre sempre os professores, nosso mais valioso recurso. E espero que Morrie esteja dançando onde quer que esteja agora. Porque ele merece poder dançar outra vez.

Quando eu lhe pedi, naquele dia, que me descrevesse o cenário perfeito para a sua vida após a morte, foi este o que ele escolheu:

– Que minha consciência permaneça... Que eu seja parte do universo.

Penso nas pessoas que já leram este livro, e nas que ainda o farão, e creio, com imensa gratidão, que o desejo de Morrie se realizou.

Mitch Albom
Julho de 2007

O currículo

As últimas aulas da vida do meu velho professor foram dadas uma vez por semana na casa dele, ao pé de uma janela do estúdio de onde ele podia olhar um hibisco pequenino lançar suas folhas róseas. As aulas eram às terças-feiras, depois do café da manhã. O assunto era o sentido da vida. A lição era tirada da experiência.

Não havia notas, mas havia exames orais toda semana. O professor fazia perguntas, e o aluno também podia perguntar. O aluno devia também praticar atividades físicas de vez em quando, tais como colocar a cabeça do professor em posição confortável no travesseiro ou ajeitar os óculos dele no cavalete do nariz. Beijar o professor antes de sair contava ponto.

Não havia compêndios, mas muitos tópicos eram debatidos – amor, trabalho, comunidade, família, envelhecimento, perdão e, finalmente, morte. A última palestra foi breve, só algumas palavras. Em vez de colação de grau, um enterro.

Mesmo não havendo exame final, o aluno devia apresentar um trabalho extenso sobre o que ele aprendera. Esse trabalho é apresentado aqui.

O derradeiro curso da vida do meu velho professor só teve um aluno. Que sou eu.



Uma tarde quente e úmida de sábado, no fim da primavera de 1979. Centenas de alunos sentados lado a lado em cadeiras de dobrar, no gramado maior do campus. Usamos becas de náilon azul. Escutamos impacientes os discursos compridos. Acabada a cerimônia, jogamos nossos chapéus para o alto e somos oficialmente declarados graduados, os alunos do último ano de faculdade da Universidade Brandeis, sediada em Waltham, Massachusetts. Para muitos de nós, baixava-se a cortina da infância.

A seguir encontro Morrie Schwartz, meu professor predileto, e o apresento a meus pais. Morrie é baixinho e caminha a passos curtos, como se um vento forte pudesse levá-lo para as nuvens a qualquer momento. Com a beca para o dia de formatura, ele parece uma mistura de profeta bíblico e elfo natalino. Tem olhos azul-esverdeados brilhantes, cabelo prateado ralo caído na testa, orelhas grandes, nariz triangular e espessas sobrancelhas acinzentadas. Apesar dos dentes superiores tortos e dos inferiores inclinados para dentro – como se ele tivesse levado um soco na boca –, o sorriso é sempre o de quem acabou de ouvir a primeira piada contada no mundo.

Diz a meus pais que eu fiz todos os cursos ministrados por ele e que sou “um garoto especial”. Encabulado, baixo os olhos para os pés. Antes de nos separarmos, entrego a meu professor um presente, uma pasta castanha com as iniciais dele, que eu havia comprado no dia anterior. Eu não queria esquecê-lo. Ou talvez não quisesse que ele me esquecesse.

– Mitch, você é dos bons – diz ele admirando a pasta. Depois me abraça. Sinto os braços magros me envolvendo. Sou mais alto do que ele e, quando me abraça, sinto-me canhestro, mais velho, como se eu fosse o pai e ele, o filho.

Pergunta se vou manter contato. Sem hesitar, respondo que sim.

Quando ele me solta, vejo que está chorando.